



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 07/02/2020



Cidades das Américas trocam experiências em Campinas sobre redução do risco de desastres

Posted: 06 Feb 2020 11:10 AM PST



O evento visou fortalecer a rede de cidades inscritas na campanha global “Construindo Cidades Resilientes: minha cidade se está preparando!”. Foto: UNDRR

Com o objetivo de promover a aprendizagem entre pares e compartilhar experiências sobre o fortalecimento da resiliência a desastres no nível local, foi realizado encontro em Campinas (SP) para a troca de experiências entre cidades do continente americano.

O evento visou fortalecer a rede de cidades inscritas na campanha global “Construindo Cidades Resilientes: minha cidade se está preparando!” e expandir sua base de conhecimento técnico e competências práticas.

Foram socializadas experiências bem-sucedidas para o fortalecimento de capacidades em cidades que já possuem um plano de ação para a redução do risco de desastres no nível local, com vistas à implementação de ações concretas para a resiliência urbana.

O evento contou com a presença e o apoio do diretor de Defesa Civil de Campinas e promotor da campanha “Construindo Cidades Resilientes” no Brasil, Sidnei Furtado.

Também participaram das atividades Cinthia Borjas Valenzuela, coordenadora da Unidade Municipal de Gerenciamento Abrangente de Riscos em Tegucigalpa (Honduras); Douglas Rodas, conselheiro em Logística do Centro de Operações de Prevenção de Emergência da Cidade da Guatemala (Guatemala); Allan Hacay Chang, diretor de gerenciamento de riscos e cooperação de Guayaquil (Equador); Miguel Eduardo Luengas Torres, da Unidade Nacional de Gerenciamento de Riscos de Desastres na Colômbia.

O evento foi acompanhado por Johanna Granados Alcalá, assessora de Resiliência Urbana do Escritório das Nações Unidas para Redução de Riscos de Desastres (UNISDR) no Escritório Regional para as Américas e o Caribe.

Durante o intercâmbio, os participantes compareceram à entrega do mapeamento de risco para 40 cidades da região de Campinas, participaram de sessões de trabalho e troca de experiências, visitaram a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o Centro de Monitoramento e a Câmara Municipal de Campinas.

Também visitaram áreas de risco da cidade e o Centro de Gerenciamento de Emergências do Estado de São Paulo. O vice-prefeito de Campinas, Henrique Magalhães Teixeira, recebeu da parte UNISDR o Prêmio Sasakawa, com o reconhecimento do Comitê da Cidade Resiliente de Campinas.

Esse intercâmbio possibilitou destacar o progresso no fortalecimento da resiliência urbana das cidades da região das Américas, destacou o papel dos governos locais na compreensão dos riscos e impulsionou ações que promovam cidades sustentáveis, resilientes, seguras e inclusivas.

A atividade foi possível graças ao apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), do Ministério do Interior e Segurança do governo sul-coreano e da cidade metropolitana de Incheon, na Coreia do Sul.

Campinas

Desde sua inscrição na campanha, em 2012, Campinas implementou ações para fortalecer sua resiliência, promovendo o papel ativo da comunidade de maneira inclusiva. Também impulsionou, por meio de lideranças locais, a participação ativa de todos os grupos vulneráveis no mapeamento e na mitigação de riscos.

O município definiu seu Plano Local de Resiliência 2017-2020, que busca não apenas construir uma cidade resiliente, mas também aumentar a participação de mulheres, jovens, idosos, do setor público e privado, e de todas as partes interessadas em criar um plano inclusivo e abrangente.

Em 17 de maio de 2019, durante a Plataforma Global para Redução de Riscos de Desastres em Genebra, o Departamento de Defesa Civil de Campinas recebeu o Prêmio Sasakawa, que reconhece indivíduos, organizações e iniciativas que contribuem para garantir a participação e a inclusão sem discriminação de todos os membros da sociedade, especialmente dos mais vulneráveis, em atividades para redução de riscos de desastres.

Planos Locais

Tegucigalpa, Cidade de Guatemala e Guayaquil desenvolveram seu Plano de Ação para Redução de Riscos de Desastres no nível local, como parte da iniciativa “Desenvolvendo Cidades Sustentáveis e Resilientes: Implementando o Quadro de Sendai no Nível Local” que, com recursos da União Europeia, apoiou o fortalecimento da resiliência urbana em 20 cidades do mundo.

FONTE:https://nacoesunidas.org/cidades-das-americas-trocam-experiencias-em-campinas-sobre-reducao-do-risco-de-desastres/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+ONUBr+%28ONU+Brasil%29



Manual de construção de resiliência

Do coração da Tanzânia às montanhas da Etiópia até as fronteiras de Bangladesh e Nepal; A programação de resiliência do VSO está aumentando rapidamente. Voluntários, funcionários e parceiros desempenharam um papel tão importante nisso e já há um impacto positivo nas crianças e adultos envolvidos. Este manual de construção de resiliência captura exemplos de boas práticas de quinze países, tanto em contextos de desenvolvimento quanto humanitários. Também destaca etapas práticas para demonstrar o quão simples pode ser reduzir riscos e vulnerabilidades e aumentar os mecanismos de enfrentamento nas comunidades. Existem exemplos específicos de saúde, educação, meios de subsistência e proteção, juntamente com algumas das principais abordagens e estruturas internacionais de resiliência. Espera-se que este livro inspire e promova mais caminhos para aprimorar a resiliência da comunidade.

FONTE:https://www.preventionweb.net/files/70122_70122resiliencebuidlinghandbookresi.pdf

Nova ferramenta ajuda empresas a adotar medidas para alcançar os ODS

Criado pelo Pacto Global e pelo B Lab, SDG Action Manager permite que empresas de todos os tamanhos, em qualquer lugar mundo, melhorem seu progresso nos Objetivos Globais

São Paulo, 29 de janeiro de 2020 - Com 10 anos para cumprir o prazo para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU até 2030, foi lançada uma nova ferramenta online e gratuita de gerenciamento de impacto para a comunidade global de empresas. Disponível em cinco idiomas, o SDG Action Manager capacita empresas de todos os tamanhos, no mundo inteiro, a adotar medidas significativas e acompanhar seu progresso nos Objetivos Globais.

Desenvolvido pelo B Lab e pelo Pacto Global das Nações Unidas, o SDG Action Manager reúne a Avaliação de Impacto B do B Lab, os Dez Princípios do Pacto Global e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU com a intenção de viabilizar que empresas realizem ações significativas por meio de autoavaliação dinâmica, benchmarking e aprimoramento.

O SDG Action Manager, com acesso gratuito para empresas em todo o mundo, foi desenvolvido por meio do trabalho e feedback de várias partes interessadas, incluindo especialistas em sustentabilidade corporativa, a sociedade civil, a ONU e o mundo acadêmico. Ele é inspirado na comunidade de Empresas B Certificadas e nas empresas que participam do Pacto Global das Nações Unidas.

O SDG Action Manager foi desenvolvido com o generoso apoio financeiro dos seguintes parceiros: Departamento para o Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DFID), Generation Foundation, Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento do Canadá (IDRC), Emmanuel Faber como doador individual, Bill & Melinda Gates Foundation, Robert Wood Johnson Foundation, e Skoll Foundation.

É importante que as empresas da América Latina e do Caribe, participem e liderem uma transformação que vá além de apenas adaptar as práticas tradicionais aos ODSs, para também repensar modelos de negócios e fomentar a ação de uma voz coletiva.

Lise Kingo, CEO e diretora executiva do Pacto Global das Nações Unidas: “Apesar do progresso real da comunidade empresarial, há um reconhecimento claro de que a ação ainda não está à altura do desafio. A comunidade empresarial tem um papel importante a cumprir na promessa de promover prosperidade compartilhada e duradoura para todos. Com base em nossa abordagem baseada em princípios, o SDG Action Manager foi desenvolvido para mobilizar o setor privado a tomar ações significativas e nos colocar de volta aos trilhos para alcançar a Agenda 2030.”

Andrew Kassoy, cofundador e CEO do B Lab Global: “Mudar o papel das empresas na sociedade sempre foi a essência da visão do B Lab. E agora, faltando apenas 10 anos para cumprir a Agenda de Desenvolvimento Sustentável para 2030, o papel das empresas não é mais apenas participar da busca pelos Objetivos Globais, mas liderar — usar o poder dos negócios para resolver os problemas mais urgentes do mundo e inspirar outras pessoas a fazer o mesmo. O SDG Action Manager é uma ferramenta única que ajuda as empresas a agir e melhorar continuamente essa ação e, em última instância, a usar suas empresas como força para o bem.”

Carlo Pereira, diretor executivo da Rede Brasil do Pacto Global: “ Ingressamos na Década da Ação, como definiu o secretário-geral da ONU, António Guterres. Não há mais tempo a perder quando se trata de atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O SDG Action Manager representa uma oportunidade real para que as empresas insiram de fato os ODS em suas estratégias de negócios, único caminho para avançarmos com a consistência e a velocidade necessárias.”

Marcel Fukayama, cofundador do Sistema B Brasil e diretor executivo do Sistema B Internacional: “O setor empresarial pode e deve protagonizar a implementação da agenda 2030. De uma maneira objetiva e usando uma linguagem comum, o SDG Action Manager se apresenta como a alternativa mais concreta para as empresas medirem e desenvolverem seu caminho de progresso em direção ao principal compromisso dessa década”.

Clique [aqui](#) para acessar o SDG Action Manager.

FONTE: <https://www.pactoglobal.org.br/noticia/408>



Usando ideias comportamentais para melhorar a preparação para desastres, mecanismos de alerta e resposta precoce no Haiti

Dada a alta exposição no Haiti a riscos naturais, garantir que mecanismos adequados de preparação e resposta a desastres sejam bem estabelecidos e gerenciados pode salvar vidas. Sistemas como os Comitês Municipais de Proteção Civil (CCPCs) têm desempenhado um papel importante na redução de baixas por desastres naturais nos últimos anos. No entanto, barreiras estruturais e comportamentais limitaram os comportamentos de evacuação desejados no Haiti. Este relatório utiliza a ciência do comportamento para identificar os principais pontos de entrada para melhorar os sistemas de alerta precoce (EWS) e permitir que as pessoas evacuem para locais seguros antes de eventos naturais adversos, incluindo furacões. A abordagem comportamental permite a detecção de barreiras relacionadas a fatores psicológicos e sociais que vão além do acesso e do custo. O objetivo deste relatório é entender, através de uma abordagem comportamental, as barreiras estruturais e

comportamentais que limitam as decisões de evacuação no Haiti. Nosso objetivo é identificar os principais pontos de entrada para melhorar o EWS e permitir que as pessoas evacuem para locais seguros, antecipando um furacão. Esse tipo de abordagem baseia-se no entendimento de que as pessoas pensam automaticamente, socialmente e com modelos mentais. O enquadramento de um problema, o contexto em que a tomada de decisão ocorre e os detalhes do design de uma intervenção desempenham um papel tão essencial na determinação do comportamento que não contabiliza pode resultar em uma intervenção ineficaz. Portanto, procurar barreiras estruturais e comportamentais significa examinar um conjunto mais amplo de influências e prestar atenção aos fatores sociais, psicológicos e econômicos que afetam o que as pessoas pensam e fazem. as barreiras estruturais e comportamentais que limitam as decisões de evacuação no Haiti. Nosso objetivo é identificar os principais pontos de entrada para melhorar o EWS e permitir que as pessoas evacuem para locais seguros, antecipando um furacão. Esse tipo de abordagem baseia-se no entendimento de que as pessoas pensam automaticamente, socialmente e com modelos mentais. O enquadramento de um problema, o contexto em que a tomada de decisão ocorre e os detalhes do design de uma intervenção desempenham um papel tão essencial na determinação do comportamento que não contabiliza pode resultar em uma intervenção ineficaz. Portanto, procurar barreiras estruturais e comportamentais significa examinar um conjunto mais amplo de influências e prestar atenção aos fatores sociais, psicológicos e econômicos que afetam o que as pessoas pensam e fazem. as barreiras estruturais e comportamentais que limitam as decisões de evacuação no Haiti. Nosso objetivo é identificar os principais pontos de entrada para melhorar o EWS e permitir que as pessoas evacuem para locais seguros, antecipando um furacão. Esse tipo de abordagem baseia-se no entendimento de que as pessoas pensam automaticamente, socialmente e com modelos mentais. O enquadramento de um problema, o contexto em que a tomada de decisão ocorre e os detalhes do design de uma intervenção desempenham um papel tão essencial na determinação do comportamento que não contabiliza pode resultar em uma intervenção ineficaz. Portanto, procurar barreiras estruturais e comportamentais significa examinar um conjunto mais amplo de influências e prestar atenção aos fatores sociais, psicológicos e econômicos que afetam o que as pessoas pensam e fazem.

FONTE: <http://documents.worldbank.org/curated/en/465051578683565433/pdf/Using-Behavioral-Insights-to-Improve-Disaster-Preparedness-Early-Warning-and-Response-Mechanisms-in-Haiti.pdf>



Proteger Educação em Insegurança e Conflitos Armados

Educação acima de tudo é o orgulho de anunciar o lançamento da segunda edição do Proteger Educação em Insegurança e Conflitos Armados: An International Law Handbook. A publicação é o resultado do projeto de colaboração com o Instituto Britânico de Direito Internacional e Comparado. O manual fornece uma visão abrangente do atual quadro jurídico internacional e explica como regimes legais internacionais fundamentais, como o direito internacional dos direitos humanos, o direito humanitário internacional e educação proteger o direito penal internacional, alunos, professores e escolas em tempos de guerra ou instabilidade.

FONTE: https://inee.org/resources/protecting-education-insecurity-and-armed-conflict-international-law-handbook?utm_source=INEE+email+lists&utm_campaign=9557753965-EMAIL_CAMPAIGN_2019_05_15_02_04_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_710662b6ab-9557753965-25743853



EUA: Pesquisadores consideram eficaz o processo de modelagem colaborativa de inundações

A colaboração da comunidade e os mapas de alta resolução são essenciais para o gerenciamento eficaz dos riscos de inundações, de acordo com engenheiros civis e cientistas sociais da Universidade da Califórnia, Irvine e outras instituições.

"Os impactos das inundações continuam a aumentar nos EUA e no mundo, e o principal culpado é o crescimento urbano em risco, com comunidades despreparadas para lidar com eventos extremos que estão ficando mais intensos em um clima quente", disse o principal autor Brett Lixadeiras de UCI. "Nossa abordagem baseia-se em tornar as modernas tecnologias de simulação de inundação acessíveis e úteis a todos em comunidades de risco".

Em um estudo publicado na revista *Earth of Future*, da American Geophysical Union, os pesquisadores relatam um novo processo bem-sucedido chamado "modelagem colaborativa de inundações" para enfrentar a crescente ameaça de aumento de águas provocada pelas mudanças climáticas, envelhecimento da infraestrutura e rápido desenvolvimento urbano.

A modelagem colaborativa de inundações combina as experiências e preocupações de moradores, proprietários de terras, funcionários do governo e líderes empresariais com o conhecimento e as capacidades tecnológicas de pesquisadores acadêmicos para promover um entendimento compartilhado do risco de inundação. Um elemento crucial de qualquer esforço desse tipo é o desenvolvimento de mapas ou visualizações de alta resolução, com base em modelos hidrológicos e na percepção de pessoas que passaram por inundações passadas.

Os pesquisadores colocaram o método em prática durante o projeto Infraestrutura resiliente a inundações e ambientes sustentáveis, um esforço de cinco anos financiado pela National Science Foundation. A partir de 2013, as equipes do FloodRISE trabalharam em duas áreas costeiras do sul da Califórnia sob risco de inundação - Newport Bay e Vale do Rio Tijuana - coletando dados, realizando pesquisas e realizando reuniões pessoais com os residentes.

"A NSF apoia essa pesquisa porque as inundações são o desastre natural número um na Terra", diz Junping Wang, diretor de programa da Divisão de Matemática da NSF. "Há uma necessidade crescente de ferramentas confiáveis que nos permitam

entender melhor os diferentes cenários de inundações e os danos que isso pode causar, para que possamos melhorar a resiliência da infraestrutura".

- Assuntos Públicos da NSF, researchnews@nsf.gov

FONTE: https://www.nsf.gov/discoveries/disc_summ.jsp?cntn_id=299919&org=NSF



Por que Veneza é realmente um caso de livro didático para prevenção de inundações

Por Aisling Irwin

Quando as piores inundações desde 1966 submergiram a cidade de Veneza em novembro de 2019, a culpa foi atribuída às suas comportas móveis incompletas. Eles estão em construção desde 2003, mas não estavam prontos a tempo de salvar a cidade italiana. Mas em outros lugares da lagoa veneziana havia uma história diferente para contar. Em 1966, os lados costeiros das ilhas Lido e Pellestrina também inundaram, mas desta vez não.

Lido e Pellestrina são longas e finas ilhas que separam a lagoa veneziana do mar Adriático. Eles sobreviveram a esse período graças, em parte, a um quebra-mar submerso - uma espécie de muro gigante subaquático que quebra a força do mar e reduz a erosão.

O quebra-mar é apenas um elemento de uma combinação de muitas intervenções diferentes que paradoxalmente tornam Veneza um caso de como lidar com a erosão e as inundações costeiras, de acordo com a professora Barbara Zanuttigh, especialista em engenharia costeira da Universidade de Bolonha na Itália e [recebedora](#) de 2019. o prêmio de impacto no horizonte da UE.

A professora Zanuttigh estudou oito locais costeiros europeus para encontrar as melhores práticas em gestão costeira, como parte de um projeto chamado [THESEUS](#), a partir do qual ela produziu diretrizes para os formuladores de políticas.

Como as costas correm o risco de vários riscos, como erosão, inundações e deterioração do habitat, o professor Zanuttigh diz que é essencial uma abordagem conjunta na qual todos participem e que aproveite as respostas de engenharia, ecológicas e sociais. A adoção de uma abordagem holística é fundamental para se adaptar às mudanças climáticas, diz ela.

Em Veneza, sua abordagem integrada começou em 1995, supervisionada pelo Consorzio Venezia Nuova em nome do Ministério de Infraestrutura da Itália e da Autoridade de Água de Veneza.

Eles estavam lidando com um problema que já se arrastava há séculos devido a fatores como o desvio de rios que costumavam esvaziar na lagoa, a extração de águas subterrâneas e a escavação de canais profundos da lagoa para permitir a passagem de navios (que modificou as correntes da lagoa e danificou o fundo do mar).

A atividade das lagoas empobreceu a grama do mar e os pântanos salgados e isso não é apenas um problema para os peixes e os pássaros, diz o professor Zanuttigh: as ervas marinhas estabilizam o fundo do mar enquanto os pântanos dissipam as ondas.

Barreiras de inundação

Depois de concluídas, as barreiras móveis contra enchentes, conhecidas como MOSE (Módulo Sperimentale Elettromeccanico), serão a peça central das defesas de Veneza, mas também houve muitas outras medidas para proteger a costa.

As obras começaram em 1997, com a construção do quebra-mar permeável submerso e uma série de esporões - longos molhes construídos desde as praias até o mar - ao longo da ilha de Pellestrina. As intervenções estruturais foram combinadas com uma enorme injeção de areia levantada do fundo do mar para criar a praia de Pellestrina.

Os quebra-mares dissipam as ondas, os esporões estabilizam a praia e a própria praia contribui para reduzir o acúmulo de ondas e a cobertura das grandes paredes do mar conhecidas como Murazzi. Ao longo da ilha de Lido, o movimento de sedimentos foi regulado com a construção de uma série de esporões, e houve uma nutrição e reforço significativos de cerca de 9 km de dunas antigas.

Tudo isso ajudou a proteger os assentamentos e a lagoa como um todo na enchente de novembro, diz o professor Adriano Sfriso, especialista em plantas aquáticas da Universidade de Veneza. "Durante o (recente) evento excepcional da maré alta ... eles protegeram as ilhas do lado marinho, enquanto em 1966 a costa foi completamente destruída", disse ele.

Algumas medidas de erosão dentro da lagoa não foram bem-sucedidas. Os engenheiros usaram concreto e outros materiais rochosos para fazer bordas sólidas ao redor dos pântanos salgados e os encheram com 14 milhões de metros cúbicos de sedimentos retirados do fundo da lagoa. Essas medidas não foram tão eficazes, diz Luca Palmeri, especialista em engenharia ecológica da Universidade de Pádua, na Itália. Em alguns casos, eles transformaram os pântanos salgados em ilhas artificiais, enquanto em outros, as marés levaram os sedimentos e as fronteiras são tudo o que resta.

Desde então, o Dr. Palmeri liderou uma equipe em um projeto chamado [Life VIMINE](#), pilotando uma abordagem mais sustentável: usando apenas materiais naturais, adquiridos localmente para minimizar os custos financeiros e de carbono, e

alistando os pescadores locais na esperança de que eles espalhem o palavra sobre a nova abordagem.

"A idéia é mudar o paradigma e não usar métodos enormes e muito caros, mas vamos tentar encontrar uma estratégia mais inteligente (orientada para um gerenciamento integrado e sustentável)", disse Palmeri.

Seu grupo juntou matagal local para fazer bordas que enchiam de lama que já havia sido arrastada de canais próximos.

É muito cedo para saber se as medidas continuarão e se a população local continuará o trabalho além da área piloto de 30 hectares no norte da lagoa. Mas o Dr. Palmeri acha que é um bom sinal que os jovens pescadores tenham ficado "muito felizes ao descobrir que o que seus avós lhes ensinaram quando eram crianças era relevante agora".

Algas marinhas

Recentemente, o Prof. Sfriso, como parte de um projeto conhecido como [Life SERESTO](#) , levou pescadores e caçadores a plantar ervas marinhas em uma área do fundo da lagoa equivalente a cerca de 15 campos de golfe.

Onde o piso é degradado demais para replantar, eles esperam cultivar macroalgas - para absorver um excesso de nutrientes na água, desviar os pescadores da pesca de moluscos (que danificam o fundo da lagoa) e gerar renda com a venda como ágar ou antioxidantes .

"O objetivo era mostrar que não são necessários grandes trabalhos e meios para restaurar o meio ambiente, enquanto a participação das partes interessadas desempenha um papel fundamental", disse o professor Sfriso.

Para alcançar o objetivo geral de proteção costeira, preservação de ecossistemas e segurança da área urbana, a multiplicidade de intervenções precisa se unir, afirmam o professor Zanuttigh e o professor Sfriso. Por exemplo, as gramíneas marinhas podem atenuar os efeitos do fechamento de portões móveis através do ciclismo de nutrientes quando não há maré para liberar a lagoa.

Mas o fracasso dos portões móveis prejudicou outras intervenções, dizem eles.

No final de janeiro, o Consorzio Venezia Nuova anunciou que o MOSE entraria [em operação em caso de emergências a partir de junho](#) , mas não será concluído até 2021.

Se está em dúvida se esta peça de engenharia de bilhões de euros será o rei das respostas às enchentes venezianas está em dúvida, diz o professor Sfriso. Ainda não temos provas de que algumas partes do sistema possam suportar condições extremas. Além disso, os custos dos fechamentos são extremamente altos e os da manutenção aumentaram para € 100 milhões por ano, uma despesa que certamente é insustentável. '

O professor Zanuttigh quer vê-los terminados o mais rápido possível: 'Não podemos começar do zero novamente. Mesmo que o design não seja o que eu sugeriria, gostaria de vê-los trabalhando a tempo de enfrentar a próxima tempestade e juntando-se a outras medidas de adaptação.

A pesquisa neste artigo foi financiada pela UE. Se você gostou deste artigo, considere compartilhá-lo nas mídias sociais.

FONTE: <https://horizon-magazine.eu/article/why-venice-actually-textbook-case-flood-prevention.html>



Tempo de resposta para eventos de inundação usando um índice de vulnerabilidade social (ReTSVI)

Os métodos atuais para estimar o tempo de evacuação durante um desastre natural não consideram as características socioeconômicas e demográficas da população. Este artigo desenvolve o tempo de resposta por índice de vulnerabilidade social (ReTSVI). O ReTSVI combina uma série de módulos que são informações que interagem durante uma evacuação, como curvas de taxa de evacuação, mobilização, modelos de inundação e índices de vulnerabilidade social, para criar um mapa integrado da taxa de evacuação em um determinado local. Fornecemos um exemplo da aplicação do ReTSVI em um caso potencial de um grave evento de inundação em Huaraz, Peru. Os resultados mostram que, durante os primeiros 5 minutos da evacuação, a população que vive em bairros com alta vulnerabilidade social evacua 15% e 22% menos pessoas do que os blocos com média e baixa vulnerabilidade social. Essas diferenças diminuem gradualmente ao longo do tempo após o aviso de evacuação e a vulnerabilidade social se torna menos relevante após 30 minutos. Os resultados do exemplo de aplicação não têm significância estatística, o que deve ser considerado em um caso real de aplicação. O uso de uma metodologia como o ReTSVI poderia possibilitar a combinação de vulnerabilidade social e física em uma estrutura qualitativa para evacuação, embora sejam necessárias mais pesquisas para entender as variáveis socioeconômicas que explicam as diferenças na taxa de evacuação.

FONTE: <https://www.nat-hazards-earth-syst-sci.net/19/251/2019/nhess-19-251-2019.pdf>



Migração Marshallese: O papel das mudanças climáticas e dos serviços ecossistêmicos: Resumo para os formuladores de políticas

Este estudo tem como objetivo esclarecer até que ponto os habitantes de Marshall já estão migrando devido às mudanças climáticas e o papel que os serviços ecossistêmicos afetados desempenham em suas decisões de migração. A pesquisa também visa entender melhor os efeitos dessa migração nos próprios migrantes, entre as comunidades na RMI (na capital de Majuro, e em Mejit e Maleolap) e nos estados de destino (Havaí, Oregon e Washington). Finalmente, a pesquisa fornece uma análise de pontos de vista compartilhados encontrados nas percepções marshallianas sobre esses assuntos, o que permite uma avaliação mais abrangente do estado atual de bem-estar dos migrantes marshallenses, contribui para uma discussão mais informada sobre se a migração é uma adaptação bem-sucedida estratégia e fornece contexto para avaliar quais aspectos legais, econômico.

FONTE: https://collections.unu.edu/eserv/UNU:7572/MICMP2019_SummaryforPolicymakers_META.pdf

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>